

Enviada por Marlene Lucia Siebert Sapelli
Guarapuava Pr 2009

Aula: Violência

Sugestão para ser utilizada em turma de EJA

Objetivos

- Identificar as principais formas de violência na sociedade.
- Desenvolver o hábito de ler criticamente as notícias de jornais, revista e meios de comunicação orais.
- Analisar criticamente as causas da violência.
- Identificar os tempos verbais.
- Ler e interpretar o texto “Segurança” de Luis Fernando Veríssimo, identificando o gênero literário.

Conteúdos envolvidos

- Violência: causas e conseqüências
- Conteúdo midiático
- Leitura e interpretação de texto
- gênero literário: crônica

Textos utilizados:

Texto 1 - A Crônica

(Texto pesquisado em

<http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/2003/01/20/001.htm>)

CARACTERÍSTICAS

A crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o lêem. Em regra geral, *a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano. Algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã*, na feliz expressão de **Fernando Sabino**. O comentário pode ser poético ou irônico, mas o seu motivo, na maioria dos casos, é o fato miúdo: a notícia em quem ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira. Nessas trivialidades, o cronista surpreende a beleza, a comicidade, os aspectos singulares. O tom, como acentua **Antonio Candido** é o de "*uma conversa aparentemente banal*".

O próprio **Fernando Sabino** tem uma das melhores delimitações de crônica, dizendo que ela "*busca o pitoresco ou o irrisório no cotidiano de cada um*". Em outro momento, o autor de *O homem nu* voltou a teorizar sobre o gênero:

Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador.

A questão da linguagem

A mistura entre jornalismo e literatura leva o cronista a um freqüente impasse: para se constituir como texto artístico, o seu comentário sobre o cotidiano precisa apresentar uma linguagem que transcenda a da mera informação. Ou seja, precisa de uma linguagem menos denotativa e mais pessoal. Isso não significa elaboração muito sofisticada ou pretensiosa. Significa que o estilo deve dar a impressão de naturalidade e a língua escrita aproximar-se da fala. Nem sempre o cronista atinge o duplo alvo: fazer literatura e expressar-se com simplicidade. Em função do grande público, é preciso buscar primeiramente a clareza e uma dimensão de oralidade na escrita. Daí porque a crônica seja considerada por muitos críticos um *gênero menor*: aquela vontade de forma que todo o grande artista possui termina subjugada pela necessidade de ser acessível a todos.

Além disso, o cronista tem prazos para entregar seu material, não podendo nunca deixar seu texto amadurecer. Mesmo assim, algum desses prosadores, que escreve sob pressão de horários rígidos, são capazes de alcançar uma linguagem literária de singular beleza. Observe-se o fragmento de uma crônica de **Rubem Braga**:

Foi em sonho que revi longamente a amada; sentada numa velha canoa, na praia, ela me sorria com afeto. Com sincero afeto – pois foi assim que ela me dedicou aquela fotografia com sua letra suave de ginásiana. (...) Foi em sonho que revi a longamente amada. Havia praia, uma lembrança de chuva na praia, outras lembranças: água em gotas redondas, pingos d'água na sua pele de um moreno suave, o gosto de sua pele beijada devagar... Ou não será gosto, talvez a sensação diferente que dá em nossa boca uma pele de outra, esta mais seca e mais quente, aquela úmida e mansa. Mas de repente é apenas essa ginásiana de pernas ágeis que vem nos trazer o retrato com sua dedicatória de sincero afeto; essa que ficou para sempre impossível sem, entretanto, nos magoar, sombra suave entre morros.

A proximidade com o conto

Nem só de comentários a respeito do dia-a-dia vive a crônica. Com relativa freqüência, ela se aproxima do conto. O gosto pela história curta, pelo diálogo ágil, pela narrativa de final imprevisto e surpreendente e a unidade de ação, tempo e espaço levam vários cronistas à prática mais ou menos disfarçada do conto.

Fernando Sabino e **Luís Fernando Veríssimo** são expoentes dessa modalidade. Vários dos trabalhos que publicam na imprensa apresentam personagens e situações ficcionais próprias do gênero narrativo. Por exemplo, *O homem nu*, do primeiro, e a série *Comédias da vida privada*, do segundo, são mais relatos do que comentários.

Diante de tal embrulho teórico, poderíamos considerar que o conto – ao contrário da crônica-conto – não tem as limitações de linguagem, extensão e profundidade,

exigidas pelos jornais. Apresenta, pois, um grau maior de complexidade. Além disso, o conto, em estado puro, visa normalmente ao dramático, enquanto a crônica-conto busca, de forma quase que exclusiva, o humor e a sátira.

No entanto, esta diferenciação só é perceptível aos alunos com a leitura contínua de contos e de crônicas, tornando-se desnecessário o estabelecimento de uma rígida fronteira conceitual entre ambos.

Texto 2 – Segurança (Luís Fernando Veríssimo)

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança.

Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança.

Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto.

Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá.

Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros.

Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas.

Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível.

Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas.

Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema.

Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.
Agora, a segurança é completa.
Não tem havido mais assaltos.
Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.
Mas surgiu outro problema.
As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.
A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

Encaminhamentos

No dia anterior à aula, o/a professor/a problematiza com os/as alunos/as a questão da violência, inicialmente discutindo o que entendem por violência, e pede que eles procurem em jornais e revistas ou em noticiários televisivos fatos nos quais a violência esteja presente e tragam para a aula.

Inicia a aula fazendo um levantamento do que os/as alunos/as trouxeram e organiza isso num mural, com o objetivo de ir fazendo um levantamento das causas e dos diferentes tipos de violência.

Em seguida explica o que é uma crônica (usar texto 1)

Depois pede para que os/as alunos/as mais tímidos/as façam em voz alta a leitura do texto 2

Pede que os/as alunos/as listem as palavras que não conhecem e procurem-nas no dicionário, anotando seu significado.

Questões para interpretação:

1. Segundo o autor, quais os elementos que valorizam um imóvel na hora da venda?
2. Quais os recursos utilizados para garantir a segurança no condomínio?
3. Copie uma frase mostrando em que momento o autor demonstra ironia diante dos fatos.
4. Todos os moradores do condomínio concordaram com as novas medidas de segurança? Explique sua resposta apresentando fragmentos do texto.
5. Depois de tomadas as primeiras medidas, o problema foi resolvido? O que foi feito em seguida?

Depois que os/as alunos/as responderem as questões o/a professor/a discute as respostas e problematiza a questão, ajudando-os a relacionar com as questões apresentadas no início dos trabalhos.

Como os/as alunos/as já conhecem ‘verbos’, solicitar que sublinhem todos que encontrarem no texto. Em seguida corrigir com eles. Em seguida tentar classificá-los de acordo com o tempo verbal.

Assistir e debater com os alunos o filme “Última parada 174”.

A avaliação da aula pode ser feita a partir da análise da produção de uma crônica, acompanhada de uma charge sobre uma questão social considerada relevante pelo/a aluno/a.

Referências

A crônica. Disponível em

<http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/2003/01/20/001.htm>. Acesso em 12 de abril de 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Segurança.**

Disponível em <http://www.olhoscriticos.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=17>
Acesso em 12 de abril de 2009.